

O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa

*Antonio Jorge Gonçalves Soares**

*Marco Antonio Santoro Salvador***

*Tiago Lisboa Bartholo****

Resumo: analisa a função da memória social da Copa de 70, suas edições e esquecimentos na realimentação e reforço da tradição no presente em busca da identidade nacional. Relativiza a atual imagem dominante na memória coletiva que consagra a marca identitária do “futebol-arte” como responsável pela conquista do tricampeonato mundial. A análise empreendida rememora o papel da Educação Física, esquecidos no presente, em entrevista com um dos protagonistas do evento, Lamartine Pereira DaCosta, sobre o pioneiro projeto de preparação física da Seleção de 70.

Palavras-chave: Memória, futebol-arte, Lamartine Pereira Da Costa.

A memória possui um papel fundamental no processo de construção da identidade nacional, quando cumpre a função de conectar as diferentes gerações através das lembranças de glórias ou tragédias.¹ O futebol, como uma das instituições identitárias, é lido romanticamente como fenômeno cultural popular que também representa as imagens socialmente partilhadas da nação, a saber: o Brasil é imenso, rico, generoso e tropical, fruto da miscigenação pacífica das diferentes etnias, que produziu um povo criativo, genial e artístico. Nessa construção, samba e futebol, dentre outras expressões, são destacados como tradução do que é autenticamente brasileiro. Entender esse processo de construção da identidade

* Doutor em Educação Física. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (PPGEF/UGF) e do Departamento de Ginástica do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (PPGEF/UGF).

*** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho PGEF/UGF).

1 A relação entre memória e identidade é aqui entendida como um discurso histórico conscientemente elaborado de diferenciação em relação ao “outro”. Para maior aprofundamento sobre esse processo, consultar DaMatta e Vogel (1982), Nora (1984), Pollack (1989), Hobsbawm (1990) e Silva (2002).

auxilia a desvelar os valores que uma sociedade atribui a si mesma. Sobre isso DaMatta (1982, p. 21) diz:

Entendo, pois, sem drama não há rito e que o traço distintivo do dramatizar é chamar atenção para relações, valores ou ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isoladas das rotinas que formam o conjunto da vida diária.[...] Neste sentido, sigo de perto aquela conhecida e profunda reflexão de Clifford Geertz (1973), segundo a qual o rito e o drama seriam um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria. O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir.

O futebol, encarado como drama, segundo DaMatta (1982), preconiza valores e ideologias do cotidiano. Assim, o chamado futebol-malandro² significa elegância no jogar, arte de dissimular, criatividade etc. Tais imagens refletem representações mais generalizantes sobre o Brasil e os brasileiros. De acordo com DaMatta (1982, p. 28),

*Como um jogador de futebol brasileiro ou um sambista, que <<tem jogo de cintura>>, sabe movimentar o corpo na direção certa, provocando confusão e fascínio nos seus adversários, criando harmonias insuspeitadas. É sabido no Brasil que o **futebol** nativo tem <<jogo de cintura>>; ou seja, malícia e **malandragem**, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores [...]. É evidente que, quando falamos de <<jogo de cintura>>, estamos usando uma metáfora para chamada <<arte da malandragem>> como forma básica de ser política e socialmente bem sucedido [...]. O bom jogador de **futebol** e o político sagaz sabem que a regra de ouro do universo social brasileiro consiste precisamente em saber sair-se bem. Em poder safar-se nas situações difíceis, fazendo isso com alta dose de dissimulação e elegância, de modo que os outros venham a pensar que para o jogador tudo estava muito fácil (grifos do autor).*

O contraposto da imagem da malandragem são a rotina e a disciplina, lidas culturalmente em oposição à criatividade, tal como DaMatta atribui à imagem do europeu. Todavia, sabemos que a virtuosidade no campo das artes ou dos esportes é conseguida a partir do treinamento intensivo e enfadonho. Segundo DaMatta (1982), poderíamos pensar que os valores da disciplina e do

2 A categoria da malandragem é ambígua no uso social e no espaço do futebol. Para maior aprofundamento, ler Soares (1994).

esforço, próximos aos da figura do “caxias”,³ não traduzem com fidelidade aquilo que o brasileiro gosta de contar de si mesmo.⁴ Na verdade, essa imagem serve para demarcar, distinguir personagens e ações no cotidiano que não se coadunam com a imagem idealizada do Brasil e dos brasileiros.⁵

Nesse sentido, ao analisarmos como a memória da conquista da Copa de 1970 é construída socialmente, podemos observar como os personagens responsáveis pelo treinamento físico e pelo planejamento de adaptação à altitude são esquecidos ou secundarizados no presente. Como o futebol se tornou fonte de afirmação do que é “ser brasileiro”, parece tácito, para a afirmação da identidade, o esquecimento da rotina do treinamento e da disciplina como aliados da conquista de 1970. Tal lembrança se ajustaria mais à imagem do “caxias” do que ao “futebol malandro”, para usarmos a terminologia damattiana. Lembrar o treinamento e o planejamento minucioso realizado para aquela seleção seria destacar o normal processo de aculturação que o esporte moderno provocou e continua provocando entre os Estados nacionais desde o século XIX. Esse tipo de rememoração poderia desvelar ou colocar em jogo a imagem romântica da autenticidade do futebol brasileiro. Assim, o rememorar a vitória de 1970 se torna um jogo de pôr em evidência aquilo que nos distingue frente aos “outros” e de esconder o que nos iguala ou o que revela a contradição das classificações que operamos no universo social.

Ao consultarmos as narrativas jornalísticas de 1970, poderemos observar que a Seleção de 70 significa uma ruptura em termos de planejamento, organização e método de treinamento esportivo em relação às Copas anteriores. A Comissão Técnica daquela seleção teve à sua disposição as teorias mais avançadas sobre treinamento físico

3 Caxias é o patrono de Exército brasileiro. Ele simboliza o militar exemplar. Assim, a imagem do “caxias” usada popularmente refere-se ao indivíduo que segue estritamente as normas sociais, é dedicado, esforçado e pouco criativo. No Brasil adjetivar um indivíduo como esforçado significa, na maioria das vezes, um mérito de volição que indica que esse indivíduo não foi dotado naturalmente de inteligência e criatividade. Ser “caxias” significa ser esforçado e cumpridor das tarefas sem romper com as normas.

4 As identidades não são apenas auto-atribuições que os indivíduos e instituições, pertencentes a um estado-nação, constroem sobre si pelo prazer ou necessidade distinguir-se. Os Estados nacionais, quando se formam na modernidade criam um mercado de circulação de mercadorias entre eles, todavia, as identidades tornam-se produtos culturais e/ou aliam-se aos produtos que circulam nesse mercado internacional. A afirmação das identidades no futebol funciona um argumento importante o mercado interno ou externo.

5 Não discutiremos aqui criticamente as idéias sobre DaMatta. Nesse sentido, ver Vaz (2003).

e sobre adaptação em altitude na época. O método de adaptação à altitude e os estudos sobre a influência da temperatura nas atividades físicas foram fundamentais na competição. Os conhecimentos científicos e as tecnologias do treinamento foram fortes aliados da competência técnica dos jogadores. Todavia, tanto os conhecimentos aplicados quanto alguns dos responsáveis pelo processo de organização e planejamento da Seleção de 70 são esquecidos ou secundarizados em louvor exclusivo aos “jogadores-heróis” (Pelé, Tostão, Jairzinho etc.). O esquecimento ou a secundarização das imagens de disciplina, de esforço, de planejamento e de rotina do treinamento, são funcionais, na medida em que não se ajustam às imagens identitárias do “futebol-arte”,⁶ da “genialidade”, da “criatividade” e, entre outras, da “malícia” ou “malandragem” do jogador brasileiro.⁷

A rememoração da Seleção de 70 parece funcionar na imprensa como referência para avaliar a qualidade do futebol no presente e informar o que “deve ser o futebol brasileiro”. Não podemos esquecer que no esporte a comparação entre os feitos históricos e o presente é uma característica desse campo e é um bom assunto de pauta para os jornais.⁸ Tanto a identificação do passado no presente, quanto a negação do presente em função do passado glorioso atuam como formas de diálogo na luta para definir a identidade no presente. Teríamos vários exemplos a fornecer, todavia um dos mais significativos é o da Seleção de 1982 que, mesmo tendo encerrado a competição em quinta colocada, é lembrada como continuidade ou resgate da Seleção de 70, símbolo do “futebol-arte”. Em contraposição, a Seleção de 94, apesar de ter conquistado o título, foi classificada pela mídia como um futebol pragmático, de resultados ou “burocrático”, não representante do genuíno futebol brasileiro.⁹ Em 2004, quando os jornais lembraram dez anos dessa conquista, os

6 Entende-se por “arte” no futebol a idéia vinculada ao dom e à criatividade do jogador como uma dádiva da natureza ou de Deus. Para maior aprofundamento, consultar Helal, Soares e Lovisolo (2001).

7 Esse é um subproduto dos estudos sobre a Memória da Copa de 70 que estamos desenvolvendo.

8 É comum no campo esportivo a comparação atemporal entre atletas e feitos de diferentes gerações, sem levar em conta o contexto da época. Quem é o melhor jogador? Qual é o melhor time? São permanentes questões entre a comunidade que acompanha o futebol. Para maior aprofundamento, consultar Salles e Soares (2004) e Alabarces (2003).

9 Em 1994, o time cujo coordenador técnico era o Velho Lobo, trouxe a taça, mas não conquistou o coração da torcida. Com exceção de Romário e de lampejos de um ou outro jogador, a equipe tinha um estilo calculista, carrancudo mesmo. Jogava um futebol de resultados. Não entrará jamais na lista das seleções dos sonhos dos brasileiros (O GLOBO, 20 de junho de 1998, p.1).

jogadores e os membros da Comissão Técnica repudiaram a imagem atribuída àquela seleção. Enfim, a afirmação da identidade do futebol no Brasil é um campo de lutas com interesses dos diferentes atores, instituições e setores envolvidos nesse mercado de produtos e símbolos. A permanente reconstrução da memória nessa luta tem um papel fundamental.

Neste texto faremos dois movimentos: o primeiro é demonstrar como, no espaço da mídia escrita, o treinamento, a organização e o planejamento minuciosos da conquista de 70 são esquecido ou secundarizados nos jornais de hoje; o segundo é resgatar a memória da conquista dando voz ao professor Lamar-tine Pereira DaCosta que na época auxiliou e deu suporte teórico ao planejamento da Comissão Técnica, formada por Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira, Cláudio Coutinho, Kleber Camerino e Raul Carlesso. Estes três últimos integrantes faziam parte da Escola Superior de Educação Física do Exército (EsEFEx),¹⁰ solicitados pela então Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Os esquecimentos

Se percorrermos as páginas dos jornais e as revistas de 1970 durante a Copa, poderemos constatar a valorização e a incorporação da racionalidade científica na preparação daquela seleção. O contexto era da ditadura militar e a valorização do desenvolvimento era um discurso dominante que se espraiava para todos os setores, inclusive no campo dos esportes e da Educação Física. Vejamos:

Vendo correr o que estão correndo Jairzinho, Clodoaldo, Pelé e Paulo César, a gente se convence de que o trabalho mais perfeito sobre a seleção brasileira foi o da preparação física [...] pela primeira vez na história do futebol brasileiro, um programa de trabalho baseado no melhor que a ciência da educação física pode oferecer, atualmente, ao futebol. (JORNAL DO BRASIL, 20 jun. 1970, p. 23).

Na época do evento é comum encontrarmos nos jornais palavras e declarações da Comissão Técnica em torno das idéias de objetividade, organização, disciplina e competência técnica. Também aparecem reportagens que exaltam a aplicação dos conhecimentos da fisiologia do esforço, dos estudos táticos e do treinamento técnico:

¹⁰ Ver Soeiro (2003).

Para Admildo Chirol, o principal motivo do excelente estado físico dos jogadores brasileiros foi a estada de 21 dias em Guanajuato, que quase dobrou a taxa de glóbulos vermelhos do sangue, num período ideal para a adaptação à altitude [...]. Sobre o trabalho físico executado, Chirol disse que nunca duvidou dos seus resultados.

Tudo o que realizamos foi estudado previamente. Um trabalho científico, nada empírico (JORNAL DO BRASIL, 10 jun. 1970, 1º caderno, p. 22).

Em contrapartida, nos jornais atuais tais imagens são quase esquecidas. De fato, os esquecimentos na atualidade sobre o processo de racionalização e treinamento árduo da Seleção de 70 reforçam as deliciosas e saudosas imagens em que os gols de Pelé, de Jairzinho e os passes de Gérson parecem fáceis e apenas revelam “magia”, “genialidade” e “criatividade”.

1970: foram as páginas mais gloriosas da história da seleção brasileira e provavelmente de qualquer seleção campeã mundial. A equipe do Brasil de 1970, pelo talento de seus craques, pela tática e pela beleza de seu futebol, é a melhor de todos os tempos (O GLOBO, 30 jun. 2002, p. 4).

O processo de esquecimento fica evidente, a partir de uma análise de conteúdo temática,¹¹ quando se compara as matérias publicadas em 1970 com as de 1998 e 2002 (BARDIN, 1991). Nos jornais no mês da Copa de 1970, de um total de 27 matérias selecionadas, 19 delas (71%) referem-se ao planejamento de treinamento e adaptação à altitude elaborado e executado com base nos conhecimentos científicos acumulados no campo da Educação Física e da Fisiologia do esporte. Seis reportagens (22%) indicam que os bons resultados que a seleção estava conquistando se davam em função do talento do jogador brasileiro que tinha, no processo de treinamento e planejamento “científico”, um forte aliado para as condições climáticas da competição e apenas duas matérias (7%) exaltam exclusivamente o talento do jogador brasileiro. Os jornais não poderiam deixar de noticiar como as seleções enfrentariam o grande obstáculo da altitude.

11 As matérias ou crônicas selecionadas durante as Copas de 1970, de 1998 e de 2002 – no período compreendido de maio-junho-julho foram escolhidas e escrutinadas a partir dos seguintes critérios: a) as que destacavam o processo de preparação e treinamento; b) as que associavam o treinamento como meio de dar expressão ao talento do jogador brasileiro; c) as que davam ênfase apenas ao talento do jogador brasileiro.

Em contrapartida, em 1998, no período da Copa do Mundo, os jornais quando rememoravam a Copa de 1970 e seus heróis, quase esqueciam todo o processo de modernização do treinamento físico e técnico experimentado por aquela seleção. Do total de 24 matérias que coletamos, 19 delas (79%) se referem àquela seleção e aos seus jogadores como produto da “magia”, da “genialidade” e da “arte”. Sobre a modernização do futebol em 1970, apenas quatro matérias (17%) aparecem esse tipo de menção, e apenas uma matéria (4%) relembra o pioneiro trabalho realizado pela Comissão Técnica.

A Copa de 2002 segue a mesma tendência da de 1998 nesse processo de rememoração. De um total de 27 matérias sobre as memórias da Copa de 1970, 89% atribuem à arte do jogador brasileiro a responsabilidade do êxito daquela seleção e exaltam aquela equipe como o “verdadeiro” futebol brasileiro. Matérias que conciliam o discurso sobre o talento do jogador e o processo de treinamento empreendido totalizam apenas três (11%) e, por fim, não obtivemos registros de matérias que rememoravam exclusivamente o papel do treinamento e planejamento empreendido na preparação da Seleção de 70. Esses dados indicam que a imprensa escrita opera com uma espécie de esquecimento sobre o papel que os conhecimentos científicos do campo da Educação Física e da Fisiologia do esporte e os profissionais ligados direta ou indiretamente a esses campos tiveram no sucesso de 1970.

As memórias de Lamartine Pereira da Costa

O relatório da FIFA (*World Cup México 70 - Official FIFA Report*, 1972) indica que o trabalho da Comissão Técnica e o processo de adaptação planejado, a partir dos estudos de altitude, foram fundamentais no êxito da seleção brasileira de 1970. O método *Altitude Training* foi a referência teórica utilizada pela Comissão para a elaboração do treinamento e do planejamento de adaptação à altitude.

O professor Lamartine é parte da recente história da Educação Física e do esporte no País.¹² Ele nos forneceu várias informações sobre a entrada da ciência no campo do esporte, segundo seu ponto

¹² Além do estudo de *Altitude Training*, implementou o planejamento no treinamento esportivo do pentatlo militar na década de 1960, sagrando-se campeão mundial em 1965. Publicou os livros “Planejamento México”, em 1967 e “A Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo”, em 1968, ambos distribuídos pelo MEC, que se tornaram referências para a Educação Física. Também é autor de importantes trabalhos internacionais sobre as Olimpíadas de 1968 e participou do simpósio de treinamento físico em Fontainebleau, na França. Atualmente é professor doutor do curso de Pós-Graduação da UGF e autor do Atlas da Educação Física, concretizado em 2004.

de vista. Lembrou sua participação no Planejamento México em 1970 não apenas se apoiando em sua memória, mas, a cada fala, o entrevistado disponibilizava aos pesquisadores um conjunto de documentos de seu arquivo (recortes de jornais, revistas, livros, fotografias).

Lamartine era considerado um dos mais importantes estudiosos no campo da Biometeorologia e, por esse motivo, foi chamado para assessorar o planejamento de adaptação dos jogadores à altitude do México. Havia publicado um artigo, em nível internacional, sobre o treinamento em altitude em 1967, na revista *Sport International – CISM – Magazine*,¹³ que se tornaria a base do “Planejamento México”. O estudo sobre a altitude analisava: a questão dos fusos horários; o tipo de treinamento a ser utilizado em cada etapa do processo de preparação; o uso da câmara de baixa pressão como suporte para a simulação dos efeitos da altitude em cada atleta individualmente; a alimentação; as condições climáticas do local; a umidade do ar; os efeitos do stress; o horário de treinamento físico, técnico e tático equivalente ao horário dos jogos da competição; os resultados da massagem muscular em altitude; e o preparo psicológico dos atletas com o objetivo de atingir o máximo de suas capacidades.

O planejamento de adaptação à altitude se iniciou num encontro realizado na casa de João Saldanha, na época técnico da seleção brasileira durante as eliminatórias para a Copa de 1970,¹⁴ Lamartine relata como se deu o encontro:

[...] o Coutinho então falou com o Saldanha e fui convidado. Na reunião [Saldanha] me tratou com ironias, mas depois nos tornamos grandes amigos; e olha que começamos com uma briga e foi séria.

Nesta reunião, Saldanha relatou que iria fazer toda aquela preparação física, pois tinha conhecimento dos clubes europeus e sabia que todos estavam treinando dessa forma. Estava convencido de sua importância, mas que ele não iria exagerar nesta preparação física, pois podia atrapalhar o treinamento. Retruquei sobre o quanto ele estava enganado e que eu não era homem do futebol, mas tinha a obrigação de alertá-lo para isto. Mostrei a publicação de 68 com o estudo sobre o assunto e mais a experiência de acontecimentos pós-jogos olímpicos de 68.¹⁵ Mostrei que nele haviam mitos que foram derrubados durante as olimpíadas, e que então era melhor prestarem mais atenção nesta questão, pois podia fazer a diferença

13 DaCosta (1967).

14 Lamartine não conseguiu precisar quando se deu o encontro. Estimamos que ocorreu no ano de 1969 em função da preparação final da equipe para a Copa.

15 Lamartine refere-se ao livro de sua autoria, “A Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo”, editado pelo Ministério da Educação e Cultura, em 1968. Ver referências.

entre a vitória e a derrota. Então Saldanha rindo falou: você não vai querer me convencer, porque isso aqui já está cheio de gente e então aparece mais gente aqui querendo entrar no grupo e você é mais um deles. Se eu for prestar atenção nessas ameaças que fazem, eu já teria 40 sujeitos no grupo. Retruquei, dizendo que não era homem do futebol, que não queria pertencer ao futebol, nem trabalhar com ele e Coutinho, que era muito conciliador e esperto (o sucesso dele estava aí), tentou apaziguar. O Saldanha ficou perplexo com as respostas que eu dei para ele, o Coutinho ficou apreensivo, pois pensou que fosse haver porrada entre nós, mas esta atitude levou o Saldanha a ficar impressionado comigo (Entrevista: 2 de jul. de 2003).

O encontro organizado por Coutinho¹⁶ tinha como objetivo apresentar o professor Lamartine, autoridade no estudo da altitude, como trunfo necessário para convencer João Saldanha da necessidade de um planejamento que superasse a idéia de que uma seleção precisa apenas reunir os melhores jogadores em atividade. Apesar de Saldanha, segundo Lamartine, mostrar que conhecia os avanços no campo do treinamento e estar convencido de sua necessidade, ele também demonstrava cautela no processo de incorporação das mudanças. Esse indício nos fornece pistas sobre como é difícil mudar a cultura quando sedimentada. Saldanha talvez tivesse receio, e com razão, de que intervenções diferentes das habituais fossem prejudicar o desempenho dos jogadores e com isso viesse a ser julgado um inovador que não respeitou a tradição de um futebol vitorioso. Lamartine diz que, após o impacto que causou falando daquela forma com Saldanha, o convenceu a introduzir o planejamento de adaptação à altitude naquele momento.

Lamartine e o “Planejamento México” foram temas de matéria nos periódicos da época. A presença de tais matérias nos periódicos demonstra a importância dada pelos jogadores e pela Comissão Técnica ao processo de treinamento que estavam experimentando. Sabemos que as matérias jornalísticas retratam com todas as técnicas de informação/deformação, normal em qualquer relato, aquilo que estava sendo realizado e dito pelos envolvidos. Ficava nessas páginas marcada a entrada dos conhecimentos científicos aplicados ao treinamento no futebol. Todavia, devemos lembrar que os jornais da época não retratam esse rigoroso e metódico processo de

¹⁶ Saldanha, em três crônicas escritas em sua coluna no Jornal do Brasil, em 22, 23 e 24 de abril de 1983, relembra o papel que Lamartine teve no planejamento da seleção e comenta que esse o contato teria, primeiramente, ocorrido por telefone. Cabe aqui destacar que a memória é um terreno de imprecisões, não nos preocupa qual a versão mais fiel ao ocorrido. Ver à frente no texto parte dessas crônicas.

treinamento em oposição ao talento ou à identidade do jogador brasileiro. Também não poderia ser diferente, os resultados eram altamente positivos durante a competição. O quase esquecimento operado hoje nas páginas jornalísticas sobre o papel do “Planejamento México” na conquista da Copa de 70, com base em conhecimentos científicos, revela a força que a memória possui em ressignificar o passado a partir das narrativas identitárias.

Mesmo antes do início da Copa, o trabalho de altitude do professor Lamartine é destaque. O jornal Estado de São Paulo, em 10-05-1970, publica uma matéria de página inteira que tece explicações sobre o problema da altitude na *performance* dos jogadores e o trabalho pioneiro de *Altitude Training*, apresentando detalhes sobre como os efeitos psicológicos do stress e a radiação solar interferem no desempenho dos atletas. Nesse contexto anuncia que o planejamento de adaptação à altitude é a solução científica para superar as limitações climáticas que o meio ambiente impunha aos jogadores que viriam do nível do mar.

Lamartine, quando interrogado por nós, lembra como aperfeiçoou e se apropriou dos conhecimentos científicos sobre o treinamento em altitude:

Eu tinha vindo do exterior e me envolvido antes com os Jogos Olímpicos do México (1968) [...].

Antes, ainda, em 66, eu havia trabalhado com o clima subindo nas montanhas do Rio de Janeiro, para verificar o efeito do calor nos atletas; você vê que foi incidental. Foi quando se notou que o problema não era só da temperatura. Quando você colocava isto numa série estatística, percebia-se que tinha um outro componente qualquer; aí acabei me deparando com a literatura sobre altitude. Fui para o México numa oportunidade, onde fizeram grupos internacionais que estudariam a sua altitude para ver o efeito nos atletas; e acabei entrando numa cota dessas com o MEC pagando a minha passagem. Fiquei lá um mês, estudando o ambiente, mas quando cheguei lá o altitude training já existia desde 66, muito antes de embarcar para o México. Eu só fiz um ajustamento de certas coisas, por exemplo, saber a altitude adequada para o atleta se adaptar, que não era só do treinamento e sim da própria adaptação de altitude (Entrevista: 2 de jul. 2003).

Lamartine nos conta a história, não escrita, de como foi concebido e refinado o *Altitude Training*, desenvolvido por ele como um dos principais métodos utilizados no “Planejamento México”.

Outro aspecto é que já estudávamos os efeitos dos raios solares, que não foi citado pela imprensa e que a Inglaterra soube usar, trocando a textura do seu uniforme. Por isso é que treinávamos ao sol de 11 horas da manhã, onde posteriormente, as

declarações dos jogadores eram de que não sentiam cansaço, ou seja, um trabalho científico de altitude e radiação solar, só fatos científicos colocados em prática dentro do programa (Entrevista: 2 de jul. 2003)

Na década de 60, o estudo e a aplicação dos efeitos da temperatura, do local, da altitude, do uniforme dos jogadores, do trabalho de sobrecarga individualizado, dentre outros, estavam presentes no cotidiano do selecionado brasileiro de futebol. Lembremos que a memória coletiva pensa esse período vitorioso apenas como produto da genialidade do jogador brasileiro. Todavia, os atores sociais também desejam seu lugar na memória coletiva, principalmente quando esta rememora os sucessos. A memória é um campo de disputas que os atores sociais e/ou instituições desejam destacar ou incluir os seus respectivos papéis.

Lamartine relembra que o capitão Claudio Coutinho teve um papel fundamental na introdução de tecnologias e de métodos baseados em conhecimentos científicos. Tal introdução não se realizou sem tensões e sem resistências por parte dos jogadores e dirigentes do futebol na época. Diz Lamartine:

[...] aliado a uma liderança em relação à equipe, foi Coutinho quem colocou na cabeça dos jogadores que eles tinham que correr. O que era difícil, os jogadores não estavam habituados às novidades. A ciência entrou de contrabando, independente do que os caras queriam e ficou escondida (Entrevista: 2 de jul. 2003).

Lamartine está argumentando que diante de uma cultura futebolística enraizada, na qual o jogador “nasce feito”, a inovação no treinamento poderia ser vista como esdrúxula e, portanto, rejeitada. A estratégia foi o convencimento e a introdução das mudanças de forma suave. A estratégia suave da Comissão Técnica, talvez, seja uma pista para pensar que o esquecimento na memória coletiva desse requintado planejamento se dê em função de não ter sido apresentado como ruptura, apenas como um coadjuvante da conquista. Portanto, Lamartine acaba por revelar em suas memórias que a “genialidade” e a “arte” do jogador brasileiro, longe de ser apenas expressão do “acaso” ou da “mistura genuína de raças”, teve por suporte um esquadrinhado projeto de treinamento.

O resultado foi de acordo com os dados científicos e ajustado às circunstâncias. As rotinas foram seguidas, Só! Não tem milagre, não tem santo, não tem genialidade e não teve a bravura que estão dizendo! Simplesmente, os caras estavam preparados. Quando você vê o relatório da FIFA, e o estudo comparativo entre os países, você nota que deu certo a preparação física implantada pelo Coutinho, onde os jogadores

nunca desceram de produtividade. Nosso plano de altitude estava regulado com o trabalho dos russos, em forma de piques, existente até hoje, que era a questão dos ritmos do treinamento. Eu calculava o processo, tirado do meu treinamento de Pentatlo Militar, onde fomos campeões do mundo, graças ao treinamento de piques que foram todos calculados; ninguém sabe disto (!) e o Coutinho seguia à risca. Se houve um milagre em 70 foi o de deixar os técnicos trabalharem com o conhecimento já existente, experiência adquirida no local, e revisão de literatura do trabalho já realizado (Entrevista: 2 de jul. 2003).

Lamartine reivindica o lugar da “ciência”, da Comissão Técnica e dos estudiosos do treinamento esportivo na memória do esporte nacional. Reivindica o seu lugar nessa história que guarda na sua memória individual e nos recortes de jornais da época. Diz que não sabemos dos feitos esportivos, frutos do estudo e do treinamento sistemático, e de outras proezas, como a conquista do Campeonato Mundial de Pentatlo Militar (1965), de cuja equipe ele foi o treinador. Aqui temos o típico processo em que o ator aproveita o espaço que lhe é dado para reconstruir a memória coletiva, afinal um *paper*, será num futuro próximo, um rastro de nosso tempo.

Não podemos nos furtar de destacar que reconstruir a memória sobre um passado recente ou o fazer história do tempo presente apresenta vantagens e desvantagens.¹⁷ A memória é uma arena de disputas que engendra lutas visíveis e invisíveis na medida em que os atores sociais ainda estão vivos e/ou possuem seus porta-vozes para travar diálogos e negociações com os locais de registro da memória. Lamartine reivindica um lugar na memória do futebol brasileiro que se afasta da identidade do futebol nacional. Sua voz possibilita lançar outros olhares sobre a história ou a memória coletiva sobre esse feito. Seu lugar na memória coletiva, apesar de ter sido registrada nos periódicos,¹⁸ foi se apagando no presente. Lamartine lutou em toda a sua trajetória profissional para colocar a Educação Física como área de conhecimento num lugar de destaque na formação universitária e nas instituições das quais fez parte. Ele legitimamente reivindica, se pensarmos seu comportamento no decorrer da entrevista, o seu lugar e o de seus companheiros de profissão na memória da conquista da Copa de 1970.

17 Se, por um lado, o historiador apresenta a vantagem de partilhar “[...] com aqueles cuja história narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais” (CHARTIER, 1996, p. 216); por outro, ele pode sofrer: a) com as deformações que seu pertencimento e contemporaneidade podem causar ao objeto que investiga; b) com a “luminosidade” imposta pela abundância de fontes que tem à sua disposição.

18 Os jornais se constituem numa das fontes de memória das sociedades letradas e esse veículo também funciona como um atualizador e rememorador do passado.

O jogo do lembrar e esquecer na construção da memória tem seus porta-vozes com seus respectivos interesses. João Saldanha, atuando como colunista do Jornal do Brasil, relembra o método *Altitude Training* em 1976, 1981, 1983 respectivamente, em contextos em que pode acionar a memória do “Planejamento México”.¹⁹

1- O caso é que melhor seria seguir a prática do altitude training, tão bem plasmado pelo comandante Lamartine, que nos fez alterar bastante a Operação México-70. Eram conclusões de profundos estudos e práticas nos locais de competição. Foram adquiridas e comprovadas nas disputas, não somente do México como em outros países de altiplanos superiores a 1 mil 860 metros (JORNAL DO BRASIL, 28 dez. 1976 – Coluna do João Saldanha, 1º caderno, p. 28).

2- Havia um homem, um especialista, que tinha estudado bem o negócio. Era um tal Coronel Lamarino. Então começamos a procurá-lo. Telefone pra todos os lados. Nada. Ninguém sabia do homem. Cheguei a duvidar que existisse. Mas isto não era possível. Escrevera um livro sobre o assunto. Excelente, que se chama ‘Treinamento na Altitude’. Eu tinha o livro, pombas! (JORNAL DO BRASIL, 22 abr. 1983 – Coluna do João Saldanha, Caderno de Esportes, p. 6).

3- Voltamos para o Brasil. E agora? Para onde ir com o time? Um dia depois, um senhor meio com pinta de zangado, mas com jeitão paciente me bateu o telefone e se identificou: ‘O senhor anda a minha procura. Agora, um pequeno detalhe: não sou coronel, sou da Marinha e não me chamo Lamarino, tá bom? Meu nome é Lamartine, Comandante Lamartine, está claro? Penso que é a mim que o senhor andou procurando. Em que posso servir?’ Puxa, o cara foi até delicado e posso lhes garantir: foi a salvação da lavoura. Nada como uma organização científica (JORNAL DO BRASIL, 23 abr. 1983 – Coluna de João Saldanha, Caderno de Esportes, p. 8).²⁰

4- Mas o negócio é a Operação México e tínhamos encontrado Lamartine que era o único que sabia seguramente das coisas do treinamento na altitude. Havia participado do Congresso de Tóquio, em 1964, que tratou da questão da próxima Olimpíada que seria no México, em 68. O Congresso foi para estudar e resolver o grave problema da competição dos atletas de nível do mar, lá na altura de 2 mil e 400m. Lamartine estudou profundamente o assunto e até hoje os seus ensinamentos são preciosos. Ouso sugerir que não se esqueçam de consultá-lo, embora já se tenha bastante experiência do negócio (JORNAL DO BRASIL, 24 abr. 1983 – Coluna de João Saldanha, Caderno de Esportes, p. 4).

Observemos que Saldanha, o primeiro técnico daquela seleção substituído por Zagalo meses antes da competição, usa sua voz no

19 O “Planejamento México”, nos textos e jornais consultados e na entrevista do professor Lamartine é o rótulo dado, mas Saldanha chama em suas colunas de Operação México – 70.

20 Saldanha fala que o primeiro contato entre ele e Lamartine se deu por telefone em sua coluna. Lamartine, como visto anteriormente, fala que esse encontro ocorreu na residência do Saldanha. Cabe destacar que, tanto na crônica em que Saldanha fala da conversa pelo telefone, quanto no relato do Lamartine, podemos sentir que a conversa transcorreu num clima de estranhamento e certa rispidez.

espaço do jornal para falar do “Planejamento México” em 1969-70. Assim, anos após o evento, Saldanha registra na memória, nas páginas do jornal, sua contribuição naquela conquista. Para isso chama a atenção para a inovação que ele e sua equipe teriam produzido naquele contexto. Os motivos e os contextos são diferentes nas colunas escritas. Em 1976, Saldanha aciona a lembrança sobre o “Planejamento México” em função de um jogo que ocorreria entre Uruguai e Bolívia, em La Paz, pelas eliminatórias da Copa de 1978. O médico da seleção uruguaia, segundo Saldanha, havia declarado que testaria seus jogadores dentro do avião a 3.700 metros de altitude. Saldanha, com seu famoso tom irreverente, diz que a única coisa que poderia funcionar seria o *Altitude Training*, método adotado quando ele estava no comando da Seleção de 70. Em 1983, Saldanha está relembrando o papel do professor Lamartine para mostrar que a Copa de 86 seria no México e consultá-lo seria imprescindível. Saldanha, ao destacar o papel do Lamartine, chama a atenção para seu próprio papel naquela conquista, isto é, o “Planejamento México” ocorreu ainda quando a seleção estava sob seu comando. A memória se constrói num jogo, por vezes conflituoso, em que os atores desejam marcar ou não deixar se apagar o papel que tiveram nas glórias. Saldanha parece que não deixava se apagar o papel que tivera na Seleção de 70.

Sandro Moreira, colunista do Jornal do Brasil na época, relembra o papel de Lamartine em 1985, em função de a Copa de 86 ter retornado ao México como país-sede:

Lembrou Pelé o excelente trabalho executado pelo então Capitão Lamartine de adaptação a cidades acima de 2 mil metros. Um trabalho que, posto em prática por Claudio Coutinho, Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira, facilitou mais tarde a Zagallo e seus jogadores a conquista do título mundial. É importante que essa planificação toda venha a ser novamente adotada e acredito que seja este o propósito da CBF (JORNAL DO BRASIL, 4 jan. 1985 – Coluna de Sandro Moreira, p.21).

Os trechos citados sobre o “Planejamento México” traduzem a importância desse trabalho na história do futebol e em outros esportes. Apesar de a imprensa publicar essas espaçadas notas sobre o papel da “ciência” na conquista, o que parece ficar na memória coletiva no presente é a “inigualável arte do jogador brasileiro” sintetizada na Seleção de 70.²¹

Por essa razão, Lamartine acaba, consciente ou não, em certos momentos, por destruir ou confrontar-se com a representação de que o sucesso da Seleção de 70 ocorreu apenas a partir do

21 Salles e Soares (2004).

“dom” do jogador brasileiro. Por isso apresenta os documentos que comprovam a intervenção dele ou dos “conhecimentos da Educação Física” nessa conquista.

O fechamento da entrevista se deu com a seguinte pergunta: “Para encerrar, o que foi determinante no êxito da Copa de 70?”.

Quem ganhou a Copa de 70 foram os jogadores, era um grupo excepcional, mas que tiveram uma fortuna: um apoio que deu a eles, de fato, condições de ganharem a Copa. Pois, só com a habilidade eles não iam ganhar. A arte não ia funcionar e eles não iam correr os 90 minutos e, portanto, iam ter que brigar com os caras que estavam no mesmo nível deles. Eu acho que os jogadores é que venceram a Copa, mas entrou pela primeira vez na história do esporte nacional a ciência! Que já havia desde 1931, com médicos civis, mas o impulso foi do Maurício Rocha,²² no livro de 69. Na Copa de 70, houve a crença que realmente funcionava o treinamento científico e aí nossa profissão mudou e Coutinho foi o grande nome que, com habilidade, soube fazer bem isto. Ele deu a dimensão do cientista no campo.

Era o cara do cronômetro, da medição. Tudo era organizado, com a medicina esportiva dando apoio e não dizendo como devem ser as coisas. Funcionou o esquema dessa comissão, funcionou a ciência, funcionou o trabalho de equipe, e funcionou a administração disto (Entrevista: 2 de jul. 2003).

Lamartine reivindica o seu lugar na memória social sobre a Copa de 1970. Seu papel no passado foi nos bastidores, hoje quer dar destaque ou ter voz sobre sua intervenção e o papel que tiveram os conhecimentos científicos.

Conclusões

O futebol mantém em sua memória o núcleo das histórias de glórias e de orgulho como esteio de uma identidade positiva. A tradição nesse esporte fornece elementos que valorizam e enaltecem a nacionalidade quando o assunto é o futebol brasileiro em confronto com o “outro”.²³ Nesse sentido, a memória no futebol e em outras esferas sociais funciona como ligação do

²² Prof. emérito Dr. Mauricio José Leal Rocha, pioneiro nessa área do conhecimento no Brasil, é um pioneiro no campo dos estudos da fisiologia do esforço e da medicina do esporte. Formou praticamente toda uma geração de pesquisadores no Laboratório de Fisiologia do Exercício (LABOFISE) fundado por ele. Consultar a página do laboratório <http://www.eefd.ufrj.br/labofise/>.

²³ O “outro interno” quando a arena da identidade é o local de disputa da modernização e/ou rompimento com a tradição ou “outro externo” quando o futebol brasileiro se confronta no plano das competições internacionais com outras seleções ou quando o jogo se dá no campo das especulações sobre os estilos de jogo de cada nação e sua respectiva eficácia.

passado com o presente e como elo entre diferentes gerações. Longe de ser estático esse processo, a reconstrução da memória é um local de lutas. Os jornais, ao esquecerem o processo de racionalização do treinamento de 70, reforçam a imagem que alimentamos sobre “nós mesmos” do autêntico e puro futebol nacional. O contraponto nesse jogo da memória se dá quando entram atores reivindicando um papel diverso e complementar que tiveram nessa conquista. Podemos acompanhar como o professor Lamartine, em seu depoimento, e João Saldanha, em suas crônicas, negociam seus papéis na memória relembrando a elaboração e execução do “Planejamento México”. Lamartine insiste que o planejamento foi fundamental no sucesso obtido por aqueles jogadores de alta qualidade técnica. Eles representam vozes dissonantes na memória coletiva sobre 70 por lembrarem que aqueles “gênios da pelota” foram, durante todo o processo de preparação e durante os jogos, muito mais “caxias do que malandros”.

El “Fútbol-arte” y la preparación para la Taza Mundial de 1970: las memorias de Lamartine Pereira DaCosta

Resumen: analiza la memoria social de la Taza Mundial de 1970, sus ediciones y omisión en la reorganización y lo refuerzo de la tradición presente en busca de la identidad nacional. Cuestiona la imagen dominante actual que consagra la marca identitária del «Fútbol-arte» como responsable para la conquista del título mundial. El análisis en este estudio rememora la participación de la educación física olvida en el presente, en entrevista con uno de los protagonistas del evento, Lamartine Pereira Da Costa, en el proyecto pionero de preparación física de la Selección de 70.

Palabras-clave: Memoria, estilo brasileño de fútbol, Lamartine Pereira da Costa.

The “Football-art” and the preparation for the 1970’s World Cup: the memories of Lamartine Pereira DaCosta

Abstract: this article analyzes the social memory of the 1970 World Cup, their editions and forgetfulness in the reorganization and the feedback of the present tradition in search of the national identity. We question the current dominant image that consecrate the “geniality” and the “art” of the brazilian soccer team as responsible for the conquered of the Word Cup title. The analysis in this study remind us the roll of the physical education forgotten in the present, by interviewing one of the protagonists of the event Lamartine Pereira Da Costa on the pioneer project of physical preparation of the Selection of 70.

Keywords: Memory, brazilian soccer style, Lamartine Pereira Da Costa.

Referências

- ALABARCES, P. (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- DACOSTA, L. P. *A introdução à moderna ciência do treinamento esportivo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1968.
- DACOSTA, L. P. *Planejamento México*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967.
- DACOSTA, L. P. Altitude training. *Sport International*, n. 36, p. 19-23, 1967.
- DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- FIFA. *World Cup México 70: Official FIFA Report*, 1972.
- CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: Ferreira, M. M. e Amado, J. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Org. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. p. 215-218.
- HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOVISOLO, H. e SOARES, A. J. Futebol de várzea como crítica romântica. *Caderno Cultural da Revista Eletrônica Polêmica*, n. 8, jan./fev./mar., 2003. Disponível em: <www2.uerj.br/~labore/revistapolemica.htm>. Acesso em: 20 fev. 2003.
- NORA, P. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos: Revista da Fundação Getúlio Vargas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

- SALLES J. G. do C.; SOARES, A.J. Soccer, the game of passion: memories of Brazilian fans. *The FIEP Bulletin*. v. 74, n. 1, p. 418-422, 2004.
- SOARES A. J. *Futebol, malandragem e identidade*. Vitória: Secretária de produção e Difusão Cultural – UFES, 1994.
- SILVA, H. R. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.
- SOEIRO, R. S. P. *A contribuição da escola de educação física do exército para o esporte nacional: 1933 a 2000*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2003.
- VAZ, A. F. Teoria crítica do esporte: desdobramentos, críticas e atualidade. In: *Anais do 27º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: ANPOCS, 2003. 1 CD-ROOM.
- VOGEL, A. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: Da Matta (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 75-115.

Fontes

- Arquivo pessoal do professor Lamartine Pereira DaCosta.
- Jornais:
- *Jornal do Brasil*.
 - *Jornal O Estado de São Paulo*
 - *Jornal O Globo*
- Revistas:
- *Motel Clube Minas Gerais*, 1970.

Recebido em: 15/10/2004

Aprovado em: 10/11/2004

Antonio Jorge Gonçalves Soares
Theodor Herzl, 56/103
Botafogo – Rio de Janeiro – RJ
CEP: 22260-030
E-mail: ajsoares@globocom